

Foz

Cézar Romão

Aqui alongo aquilo a que vulgarmente chamam silêncio.

O peso da água doce que suportamos, funde-se
quando nos perdemos à chegada.

Procuro ser breve, pois o tempo corre ao contrário
e já existem muitos pavores gastos.

Alcansei o lado de dentro sem nunca ter aprendido a esperar
que o milagre do dia resultasse quando não estavas :

Sobre os ramos que seguram este azul de partida incerta,
indiferente ao fumo saído das paredes quando aquecidas pelo sol,
ou à poeira que a nossa pele liberta e nos desfoca o corpo.

Na outra margem, como se a chuva esperada não viesse a tempo,
concentrada que está em não provocar nenhum rumor.

Assim, estou pousado neste acabar de rio onde conto as estrelas
que levemente te seguram à rota que os pássaros levantam
quando se dirigem para Norte.

Ainda sinto a mão branca da lua ao tentar adivinhar-te,
por isso percorro-te como quem bebe um copo de água:

Mastigo-te demoradamente. Sofrendo vários venenos,
descubro o outro lado que não necessito de ti.

Renomeio todos os nomes que me ajudaram a trazer-te para dentro de mim
e verifico não existirem impulsos suficientes que provoquem novas vagas .

Saio devagar, à tona desta transparência que se adensa
num abraço de nenhum sítio.

Estarei fora apenas uma vida.